**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 10A – Mateus 23: Palavras finais de Jesus ao establishment de Jerusalém**

Bem, saudações, amigos. Esta é a Aula 10a do nosso curso sobre Mateus. Aqui é David Turner falando novamente com vocês.

Chegamos agora a uma das passagens mais solenes do Evangelho de Mateus, Mateus 23, as palavras finais de Jesus sobre o estabelecimento de Jerusalém. Desde que nosso Senhor esteve em Jerusalém, só houve dificuldades com os vários grupos de líderes judeus, e agora a situação chega ao auge com sua repreensão por falarem como um profeta do Antigo Testamento. Ao introduzirmos Mateus 23, precisamos lidar com algumas questões contextuais.

Mateus 23 é difícil de encaixar no argumento de Mateus. Por ser um discurso, é tentador conectá-lo com Mateus 24 e 25, como muitos fazem, como Blomberg. Mas se você o conectar com Mateus 24-25, o discurso parece seguir o padrão de Mateus 13, observe especialmente Mateus 13-34-36, que tem um ensino público inicial, que neste caso seria o capítulo 23, seguido por instruções particulares para os discípulos em Mateus 24-25.

No entanto, as partes pública e privada de Mateus 13 são unidas em gênero, tema e estrutura literária, enquanto há diferenças óbvias entre Mateus 23 e 24-25 em termos de público, dois públicos diferentes envolvidos, em termos do conteúdo do material e em termos do seu tom. Portanto, é provavelmente melhor ver Mateus 23 como o clímax dos confrontos de Jesus com os líderes judeus em Jerusalém, que começaram em Mateus 21:15. Ao mesmo tempo, deve-se notar que há conexões claras entre Mateus 23 e 24-25, principalmente nas referências à perseguição dos discípulos de Jesus.

Compare 23:29-36 com 24:9-13, 24:21-22 e 25:34-40. Além disso, a desolação do templo, 2 e 23-38, é mencionada em 24:1-3 e 24:15. O retorno de Jesus em 23-39, é claro, é mencionado várias vezes nos capítulos 24 e 25.

Mateus 23 parece envolver três seções principais. Primeiro, Jesus adverte as multidões e seus discípulos contra os erros dos escribas e fariseus nos primeiros 12 versículos. Em seguida, ele denuncia os escribas e fariseus com oráculos proféticos de aflição contra seus pecados e vincula sua rebelião à dos antepassados.

Por fim, ele fala de forma pungente sobre as palavras de lamentação da rebelde Jerusalém, que retratam seu anseio por eles, bem como seu merecido julgamento em 23:37-39. Como expliquei na página 39 dos materiais suplementares, quando se analisa o contexto literário de Mateus 23, o que se passa aqui é uma disputa constante entre Jesus e os líderes judeus. Vários grupos deles se aproximam dele e tentam denunciá-lo, fazê-lo passar por maus bocados, colocá-lo em apuros, seja lá o que for.

Listei-os para vocês aqui, cinco diferentes, na verdade: os principais sacerdotes e escribas, os principais sacerdotes com os anciãos do povo, os discípulos dos fariseus, alguns saduceus e um doutor da lei, dentre os fariseus. E vocês encontram nesta passagem a forma dos argumentos: eles fazem perguntas a Jesus, e ele responde às perguntas deles com respostas que incluem citações bíblicas, parábolas e, acima de tudo, perguntas que lhes são dirigidas diretamente, que esta seção conclui no final do capítulo 22 com uma pergunta que eles não conseguem responder. Mateus 23 também serve como introdução ao discurso escatológico de Mateus 24 e 25.

As disputas de Jesus com os líderes religiosos de Jerusalém terminam em um impasse em 22:46. Jesus então adverte seus seguidores contra serem como aqueles líderes em 23:1-12, e então pronuncia sete oráculos de ai sobre eles em 23:13-36. Em seguida, lamenta o destino de Jerusalém, mas mantém a esperança para o seu futuro em 23:37-39.

Ao sair do templo, talvez reencenando a partida da glória da Shekhinah no livro de Ezequiel, seus discípulos nervosamente lhe apontam a arquitetura gloriosa em 24:1. Nesse ponto, ele fala sem rodeios sobre a iminente destruição do templo, e os discípulos respondem com a pergunta que dá origem ao discurso: quando acontecerão essas coisas e qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos em 24:2-3? Assim, o julgamento de Jerusalém, principalmente de seus líderes e de seu templo, é justificado em Mateus 23 antes de ser predito em Mateus 24 e 25. Precisamos dedicar um momento para refletir sobre Mateus 23 no contexto de questões modernas, a saber, as relações judaico-cristãs e o antissemitismo.

É certamente um fato que Mateus 23 ocupa um lugar de destaque nas discussões sobre o Novo Testamento e o antissemitismo. Mateus 23 foi considerado pelo estudioso judeu Samuel Sandmel um exemplo único e incomparável de invectiva. O comentário de Baer sobre Mateus expressa pensamentos semelhantes.

Mateus apresenta as disputas de Jesus com os líderes judeus em alto relevo, e essas disputas culminam com os anúncios proféticos de Jesus de desgraça contra os líderes judeus em Mateus 23. Essas denúncias estridentes perturbam muitas pessoas hoje, mas a retórica acalorada a serviço de disputas religiosas era bastante comum na antiguidade. De fato, pode-se argumentar que tal retórica era usada nos círculos judaicos desde os dias dos profetas bíblicos e que continuou a ser usada na época do Segundo Templo, à medida que vários grupos judaicos criticavam o sistema religioso em Jerusalém, particularmente os grupos que deram origem aos Manuscritos do Mar Morto.

Argumentou-se na introdução de nossas palestras que Mateus escreve seu livro para uma comunidade que ainda se identifica, em grande medida, com a comunidade judaica antes da trágica separação entre a Igreja e o Judaísmo. Quando Mateus escreveu, o termo cristianismo, entre aspas, que hoje é visto como uma religião separada do Judaísmo, ainda era uma seita de diversos judaísmos do período anterior à destruição do Templo em 70. Portanto, Mateus não deve ser visto anacronicamente como um crítico cristão do povo judeu, mas como um judeu cristão engajado em uma vigorosa disputa intramuros, isto é, dentro dos muros, com outros judeus sobre a identidade do judeu Jesus.

Em outras palavras, Mateus é, poderíamos dizer, um judeu messiânico escrevendo para tentar convencer judeus não messiânicos de que Jesus é de fato o Messias. E se for esse o caso, Mateus não está atacando os judeus ou o judaísmo como um gentio marginalizado que afirma que sua nova religião substituiu a religião ultrapassada dos judeus. Essa abordagem equivocada pode ser rastreada até os escritos polêmicos de alguns dos primeiros Padres da Igreja, mas é anacrônico encontrá-la em Mateus, nos lábios de Jesus.

Ao contrário, Mateus apresenta a disputa de Jesus com os líderes judeus como uma crítica profética totalmente judaica à instituição religiosa de Jerusalém, que clama por um retorno aos valores da Torá. Isso não deve ser mal interpretado como um ataque ao povo judeu de todos os tempos, nem mesmo da época de Jesus. Em vez disso, a crítica severa de Jesus é dirigida a certos escribas e fariseus que eram proeminentes na instituição religiosa de Jerusalém durante a época de Jesus.

Agora, com esse pano de fundo, passamos a discutir Mateus 23. Temos três seções no restante do seu esboço, na página 38, como você pode ver, que correspondem às três partes principais daquele capítulo. Primeiro, os dois modelos de liderança de Jesus.

Mateus 23:1 a 12 é dirigido às multidões e aos discípulos, não aos líderes judeus com quem Jesus esteve em conflito. Mas os líderes ainda estão muito presentes, pois Jesus ordena aos seus discípulos que não imitem a hipocrisia deles em 23:3b. É muito interessante, ele disse em 23:2 a 3a, que os líderes judeus de fato têm uma posição legítima para guiar e liderar o povo de Israel.

Jesus não contesta a posição deles como líderes, mas ataca a hipocrisia deles nos versículos 4 e 3b. E também ataca as exigências opressivas que impõem ao povo em 23:4, quando este não as cumpre. Ele também aborda a questão do amor deles por prestígio e poder nos versículos 5 a 7. Portanto, o modelo deles envolve muita ostentação, prestígio e poder, muito semelhante ao tipo de coisa que Jesus abordou em Mateus 6:1 a 18, no Sermão da Montanha.

Em contraste, os discípulos de Jesus devem reverenciar apenas o Pai e o Messias, 23:8 a 10. Eles não devem sair por aí ostentando seus títulos. Isso pode ser muito problemático até mesmo hoje em nossos círculos cristãos, com pessoas que ostentam suas credenciais acadêmicas, seus títulos de ordenação e todo esse tipo de coisa.

Às vezes, a maneira como usamos o termo pastor sênior me parece arrogância e muito orgulho. Portanto, as palavras de Jesus em 23:8 a 10 falam diretamente a nós, bem como aos líderes judeus daquela época. A comunidade dos discípulos deve imitar o modelo igualitário da família, não o modelo hierárquico dos líderes judeus comparado àquele de 20:25.

Que o próprio Jesus, como seu mestre ou líder, pratica humildemente o que prega não é declarado aqui, mas fica claro em 20:28. Portanto, temos suficiente reverência devida ao Pai e ao seu Messias, nosso Senhor Jesus, para que os títulos que usamos para descrevê-los sejam repletos de respeito e reverência. Mas a maneira como nos descrevemos uns aos outros e a maneira como insistimos que outros nos descrevam deve ser baseada no modelo de simplesmente chamar uns aos outros de irmão, irmã ou alguém como membro da família, e não em uma questão de uma grande estrutura organizacional e títulos pomposos.

Em contraste com o que Jesus ensina, porém, os escribas e fariseus não praticavam o que pregavam. Essa inconsistência é a razão pela qual Jesus adverte seus discípulos contra eles. Jesus não ataca a legitimidade de sua autoridade, mas diz a seus discípulos para seguirem sua exposição da Torá e da Halakha em 23:3a e 23:23.

Muitos expositores têm grande dificuldade com este ponto porque presumem que a comunidade de Mateus já está separada do judaísmo. Mas 23:3a faz sentido se a comunidade de Mateus ainda estiver envolvida em uma disputa interna com os líderes do judaísmo formativo. Agora, rapidamente, para os oráculos proféticos de aflição que Jesus profere contra os líderes judeus.

Você notará que, de 23:13 a 36, há sete oráculos de ai. Na verdade, se você consultar a versão King James ou uma tradução em inglês baseada no texto majoritário, encontrará oito oráculos de ai. No entanto, o versículo 14 não é encontrado em muitos dos manuscritos mais antigos e pode ser interpolado de outra passagem.

Muitas versões modernas não incluem o versículo 14 como um dos autênticos infortúnios de Jesus. Se omitirmos o versículo 14, teremos o primeiro oráculo em 23:13, o segundo em 23:15, o terceiro em 23:16, o quarto em 23:23, o quinto em 23:25, o sexto em 23:27 e o sétimo em 23:29. Observando esses oráculos, parece que eles ocorrem em três pares, com os dois primeiros relacionados à relação dos judeus com os gentios e à questão de fazer prosélitos.

O segundo par, números três e quatro, tem a ver com a halakha, ou seja, as interpretações da lei, as decisões legais para a vida cotidiana. O quinto e o sexto têm a ver com o que é a verdadeira limpeza, a verdadeira pureza, e, finalmente, o oráculo final em 23:29 e seguintes, que realmente chega à raiz de tudo, o oráculo contra os judeus por rejeitarem os profetas e o ápice dessa vinda na vida e no ministério de Jesus. Portanto, precisamos analisar esses oráculos que nosso Senhor Jesus proferiu à luz do contexto do Antigo Testamento.

Portanto, pensemos primeiro nos oráculos proféticos do Antigo Testamento. Os profetas do Antigo Testamento frequentemente clamavam aflições pelos pecados de Israel. Exemplos disso são Isaías 5:8, 11, 18, 20, 21, 22, uma interessante série de seis ais em Isaías 5, Amós 5:18, 6:1, 6:4, Habacuque 2:6 e seguintes, uma série de cinco ais, Zacarias 11:17 e muitos outros lugares.

Tais oráculos falam com uma mistura de raiva, pesar e alarme sobre as consequências excruciantes que sobrevirão a Israel devido ao seu pecado. Após o pronunciamento do infortúnio, tais oráculos contêm uma descrição das pessoas sobre as quais o infortúnio recairá. Essa descrição resume as razões pelas quais o infortúnio é merecido.

Assim, um oráculo de aflição declara a conclusão antes das premissas em que se baseia. Oráculos de aflição podem ter se desenvolvido a partir de maldições da aliança, Deuteronômio 27:15, ou mesmo de lamentações fúnebres, como Jeremias 22:18. O Novo Testamento inclui oráculos de aflição em outros lugares além de Mateus 23.

Por exemplo, veja Lucas 6:24 a 26, Apocalipse 18:10 e alguns versículos seguintes. A literatura de Qumran, ou seja, os Manuscritos do Mar Morto, também contém muitos oráculos de aflição, assim como os livros pseudoepigráficos de 1 e 2 Enoque. Até mesmo o Talmude inclui exclamações de aflição.

É importante notar que a atitude do profeta em oráculos de aflição não é simplesmente de ira. Claramente, a ira do profeta pelo pecado de Israel é, às vezes, temperada por sua tristeza e alarme diante do preço terrível que Israel pagará por esse pecado. O profeta fala em nome de Deus contra o pecado, e isso explica a ira.

Mas essa raiva é dirigida contra o seu próprio povo, e isso explica a dor. O pathos palpável dos oráculos de aflição se deve à dupla solidariedade do profeta. Isaías, por exemplo, pronunciou aflição sobre si mesmo não apenas por ser uma pessoa de lábios impuros, mas porque o profeta precisava falar em nome de Deus, e ao anunciar oráculos de julgamento, os profetas sabiam que estavam anunciando a ruína do seu próprio povo.

Duas conclusões importantes decorrem deste breve esboço de oráculos proféticos de aflição. Primeiro, os pronunciamentos de aflição de Jesus sobre os líderes judeus não foram inovadores. Sua linguagem severa deve ter soado familiar aos líderes judeus, dado seu aparente conhecimento do Antigo Testamento.

Na medida em que os líderes judeus conheciam a literatura sectária do Segundo Templo de sua época, os infortúnios de Jesus soariam bastante contemporâneos. Em segundo lugar, a pronunciação de oráculos de infortúnios por Jesus não era meramente um exercício de despeito contra seus inimigos. Ao contrário, como fica claro em 2337, suas palavras provêm tanto da tristeza quanto da raiva.

Agora, a acusação de hipocrisia que é feita aqui. Mateus fala explicitamente de hipócritas quatorze vezes em seu Evangelho. Você pode encontrar essas informações em uma concordância.

Em todos os sete pronunciamentos de ai, exceto um, em Mateus 23, fala-se dos escribas e fariseus como hipócritas, com a única exceção sendo o versículo 23-16. Ora, a palavra hipócrita não provém tanto da cultura ou das línguas semíticas, mas sim do mundo greco-romano, onde descreve alguém que dá uma resposta, que interpreta um oráculo, que imita outra pessoa ou que representa um papel em uma produção dramática. Às vezes, a ideia de fingir para enganar está presente, mas a palavra em si não tem necessariamente uma conotação negativa.

Mas em Mateus, hipócritas são mais especificamente aqueles que vivem para o aplauso humano passageiro em vez da aprovação divina eterna, como fica claro nos primeiros 18 versículos do capítulo 6. Os hipócritas honram a Deus exteriormente, mas seus corações podem estar longe dele, 15:7 e 8. Um hipócrita finge um interesse religioso sincero ao questionar Jesus com más intenções. Além disso, tal pessoa diz uma coisa, mas faz outra, 23, 3. Assim, em Mateus, a hipocrisia envolve fraude religiosa, uma discrepância ou inconsistência básica entre o comportamento exteriormente piedoso de alguém e seus pensamentos ou motivações malignas interiores. Isaías 29:13 pode ser o texto profético mais importante que condena a fraude religiosa.

Esta passagem foi citada por Jesus em Mateus 15, 7-9, e diz respeito aos líderes religiosos da época de Isaías. A fraude perpetrada em Isaías 29 envolve palavras aparentemente piedosas e decisões tradicionais que, na realidade, disfarçam corações distantes de Deus e planos que se pensa estarem ocultos aos olhos de Deus, 29:14. Os líderes carismáticos de Isaías, os profetas, são mudos, 29:10-12, e seus juízes são corruptos, 29:20 e 21.

Mas, apesar disso, as observâncias religiosas exteriores de Israel continuam, 29:1. Jesus aplica essa passagem a certos fariseus e escribas que insistiam no ritual de lavar as mãos antes das refeições, mas desonravam seus pais com a alegação fraudulenta de que o que poderia ter sido dado aos pais já havia sido prometido a Deus, 15, 5. Para Jesus, essa prática do Korban, evidentemente sancionada pela tradição dos anciãos, violava e anulava a lei de Deus, 15:6. Além disso, a prática do ritual de lavar as mãos incorreu no erro fundamental de considerar a contaminação como proveniente de humanos, de fontes externas, em vez de advir de humanos devido a um problema interno, um coração maligno, 15:11-20. A repreensão de Jesus à hipocrisia não está apenas profundamente enraizada no Antigo Testamento, e há muitas passagens que poderíamos adicionar à principal em Isaías 29, mas também é semelhante às repreensões encontradas na literatura judaica do Segundo Templo. Textos dos Salmos de Salomão, a Assunção de Moisés, a Regra da Comunidade de Qumran e literatura rabínica posterior, o Talmude, Barakot 14b e Sotah 20c, e muitas outras passagens abordam a questão da hipocrisia.

Portanto, Jesus não estava sozinho em sua época, mesmo entre os judeus que reclamavam e criticavam a hipocrisia dos líderes judaicos. A acusação central, e a mais básica, de Mateus 23 é que Israel rejeitou seus profetas. A acusação de que Israel rejeitou seus próprios profetas em Mateus 23:29-31 é talvez a mais séria encontrada em Mateus 23, pois aborda a causa raiz de outros problemas ali enfrentados.

Se Israel tivesse apenas ouvido seus profetas, os fariseus não teriam impedido o povo de entrar no reino. Se Israel tivesse apenas ouvido seus profetas, a casuística e os juramentos, e a elevação de deveres triviais acima dos deveres básicos, não teriam se tornado comuns. Se Israel tivesse apenas ouvido seus profetas, as questões do coração teriam permanecido em primeiro lugar, e não a aparência externa de retidão.

Mas Israel rejeitou seus profetas ao longo de sua história, e essa rejeição atingiria seu terrível ápice na rejeição de seu Messias, 23:32, e de seus mensageiros, 23:34. Isso traria a culpa do sangue inocente derramado do primeiro ao último livro do Antigo Testamento, de Caim em Gênesis a Zacarias em 2 Crônicas, o último livro da Bíblia em hebraico. Esta não é a primeira vez que Mateus aponta que Israel rejeitou seus profetas.

A genealogia de Jesus enfatiza o exílio na Babilônia, que, obviamente, se deve à rejeição dos profetas. O ministério de João Batista é apresentado em termos de repreensão profética e, claro, João é rejeitado por Israel como uma figura semelhante a Elias. Quando os próprios discípulos de Jesus são perseguidos, eles devem ser encorajados, pois os profetas foram perseguidos de forma semelhante em 5:12.

A rejeição ou recepção do ministério dos discípulos de Jesus é descrita como a de um profeta em 10:41 e 42. Observe também 25:35 a 45. Todos esses fatores se combinam para deixar claro ao leitor de Mateus que Israel rejeitou seus profetas e que, ao rejeitá-los, Israel deixou de obedecer à lei de Moisés.

A acusação de Jesus de que Israel rejeitou seu profeta ecoa claramente muitas acusações semelhantes no próprio Antigo Testamento. Passagens como 2 Crônicas 36:15 e 16, Daniel 9:6, 9, 10, Deuteronômio 28:15 e seguintes. Exemplos disso, Israel rejeitando seus profetas, seriam a rejeição de Elias e Micaías por Acabe e Jezabel, 1 Reis 18 e 19, 1 Reis 22, a rejeição de Amós por Amazias, Amós 7:10 a 17, e outros profetas mencionam rejeição nos livros proféticos.

A alusão de Jesus aos assassinatos de Abel e Zacarias resume efetivamente toda a história do assassinato dos profetas de Deus no Antigo Testamento, que no texto hebraico termina em 2 Crônicas. Para essas passagens, compare Gênesis 4 :8 e seguintes, e 2 Crônicas 24:21. A rejeição dos profetas por Israel também é frequentemente enfatizada na literatura judaica do Segundo Templo.

O Livro dos Jubileus, o Parle Pomona de Jeremias, a obra judaica do primeiro século, Vidas dos Profetas, o Martírio e Ascensão de Isaías, muitos dos materiais de Qumran e algumas outras coisas aqui também enfatizam isso. Portanto, aqueles oráculos de aflição que encontramos em Mateus 23:13 a 16 são muito difíceis e muito diretos, e as denúncias talvez nos perturbem um pouco se estivermos acostumados apenas com a linguagem, você sabe, agradável. Mas o fato é que a linguagem que nosso Senhor usou ali encontra sua base na dos profetas do Antigo Testamento e apenas ecoa o tipo de linguagem que Deus os levou a usar contra o povo, os líderes de Israel.

Agora, para concluir Mateus 23, vejamos o lamento de Jesus sobre Jerusalém, nos versículos 23, 37 a 39. O lamento de Jesus sobre Jerusalém é uma conclusão notavelmente compreensiva à sua denúncia antipática dos escribas e fariseus. Nesse lamento, a compaixão de Jesus por seu povo e sua cidade é palpável.

Compare 9:36 e 11:28. Outros lamentos bíblicos tocantes, como 2 Samuel 1:17 a 27, Romanos 9:1 a 5, Apocalipse 18:10 e seguintes, todos esses outros lamentos bíblicos empalidecem em comparação com este lamento de Jesus. Jesus está profundamente comovido por seu povo e por sua cidade, apesar da maneira vergonhosa com que seus líderes o trataram e apesar dos sofrimentos horríveis que ele sabe que ainda estão por vir.

Os cristãos de hoje devem ponderar a compaixão do Senhor pelo povo judeu e refletir sobre seu próprio nível de preocupação pelo povo do Messias, como fez Paulo em Romanos 10:1. Uma atitude arrogante para com os perdidos é sempre desprezível, mas é especialmente assim quando se trata do povo judeu. Veja Romanos 11:16 a 24. Mateus 23:37 a 39 ilustra a misteriosa relação entre a soberania divina e a responsabilidade humana.

A mesma palavra grega é usada em 23:37 para o desejo de Jesus de reunir o povo de Jerusalém e para a recusa deles em se reunirem. Quantas vezes eu quis reunir vocês, mas vocês não quiseram ou não me deixaram. Outras passagens semelhantes que expõem a soberania divina e a responsabilidade humana lado a lado, como 22:3 e Atos 7:51.

No entanto, em Mateus 11:27, Jesus parece cumprir seu propósito de revelar o Pai a quem Ele quiser. Apesar do julgamento em Mateus 23:38, de acordo com Mateus 23:39, a condição continua no futuro. A tensão continua no futuro, claro.

A menos que o povo de Jerusalém pronuncie com fé as palavras do Salmo 118 :26, não verá Jesus novamente. Mas a implicação é que, se abençoarem Aquele que vem em nome do Senhor, receberão, no final, as bênçãos do reino que rejeitaram até agora. Agora, novamente, algum material sobre Mateus 23 e as relações judaico-cristãs.

Ninguém pode duvidar que a linguagem de Mateus 23 seja severa e que castigue certos líderes religiosos judeus da época de Jesus em termos que deixam nós, pessoas modernas e refinadas, extremamente desconfortáveis. E ninguém deve negar que, ao longo dos séculos, os cristãos têm usado essa linguagem como confirmação de atitudes antissemitas e, pior ainda, de inquisições, pogroms e até mesmo do Holocausto na Alemanha. Mas tudo isso se deve a uma interpretação equivocada de Mateus 23 pela igreja gentia primitiva, uma interpretação equivocada nascida da arrogância contra a qual Paulo nos alertou em Romanos 11:18 a 21.

Ironicamente, isso se tornou um mal-entendido tanto para os judeus modernos quanto para os cristãos modernos. Talvez essa história de um mal-entendido gentílico de Mateus 23 possa ser amenizada de alguma forma, se me permitem a expressão, por uma compreensão judaizada, que enfatize o caráter judaico dos oráculos de infortúnio e as preocupações com a hipocrisia e a rejeição dos profetas. Mas a compreensão intelectual que foi delineada acima cairá em ouvidos moucos, a menos que seja transmitida com um espírito sensível e amoroso.

A menos que os cristãos de hoje estejam dispostos a amar o povo judeu e lamentar o triste estado das relações judaico-cristãs, como Jesus fez em Mateus 23:37 e Paulo em Romanos 9:3, há pouca razão para pensar que argumentos intelectuais farão alguma diferença. À luz da triste história das relações judaico-cristãs, os cristãos têm muito a lamentar. O próprio Mateus 23, especialmente 23:8 a 12, seria um bom ponto de partida para uma tão necessária verificação do caráter cristão.

Os cristãos não devem ler Mateus 23 apenas como uma crítica aos antigos líderes de Jerusalém. A intenção também é alertar os discípulos de Jesus, tanto os antigos quanto os modernos, a não seguirem o exemplo dos escribas e fariseus. Compare com 1 Pedro 2:1. Davies e Allison estão corretos quando apontam que todos os vícios aqui atribuídos aos escribas e fariseus se atribuíram aos cristãos, e isso em abundância.

Aqueles que desejam ser sal e luz neste mundo não chegarão a lugar nenhum em seu testemunho se este for arruinado pela hipocrisia e vaidade. Mas a integridade e a humildade dos cristãos, modeladas nas do Messias judeu, podem aliviar os danos causados pelas atitudes e atrocidades que ainda hoje prejudicam as relações judaico-cristãs. E agora, para resumir Mateus 23 em alguns comentários como transição para Mateus 24.

Na entrada de Jesus em Jerusalém, a multidão gritou: Bendito o que vem em nome do Senhor. Do Salmo 118, versículos 25 e 26. Enquanto os líderes observavam com raiva, essas palavras foram proferidas, mas as crianças concordaram.

Em 23:39, Jesus pronuncia o julgamento sobre os mesmos líderes que O rejeitaram em sua entrada na cidade. E ele usa as mesmas palavras que as multidões haviam gritado poucos dias antes: Bendito o que vem em nome do Senhor. Não é irônico? A rebelião pecaminosa dos líderes descrita em Mateus 23 torna-se ainda mais monstruosa devido à sua posição oficial.

São aqueles que se sentam na cadeira de Moisés. Este é o contexto em que Jesus profere seu último discurso escatológico ou do Monte das Oliveiras. Este impressionante recinto do templo, embelezado e ampliado por Herodes, onde a falida liderança religiosa judaica oficiava, será totalmente destruído por um sacrilégio desolador antes que Jesus retorne, e a nação se volte genuinamente para ele com as palavras: Bendito o que vem em nome do Senhor.